

## Artigo

### **Uma nova perspectiva da virilidade a partir do esporte brasileiro**

Gabriel Alves Bresque\*

#### **Resumo**

Este artigo parte da trajetória dos estudos sociológicos sobre a virilidade, em que o esporte sempre esteve atrelado ao valor dado ao masculino. Desde as sociedades antigas até os dias atuais, a ressignificação do que é viril passa pelo esporte. Este artigo busca identificar uma linha para a leitura do masculino a partir do futebol brasileiro. Leva-se em consideração o trabalho de autoras influentes, que criaram as bases das teorias de gênero moderno, e destaca-se a compreensão do gênero como uma construção social, cultural e, acima de tudo, refletida pelo contexto em que o indivíduo está inserido. Com essa leitura do passado, em busca de respostas para o presente, e para o futuro, este artigo quer encontrar caminhos para uma perspectiva do viril e do masculino brasileiro. É feita nesse processo uma articulação entre os conceitos de virilidade e futebol brasileiro, de forma a calçar um caminho para leituras futuras sobre a intersecção destes assuntos.

**Palavras-chave:** virilidade. Comunicação. Modernidade. sociologia do esporte.

#### ***A new perspective of virility from brazilian sport***

#### ***Abstract***

*This paper starts from the trajectory of the sociological studies about virility, in which the sport is closely connected with the value given to the masculine. Since the early civilizations to this day, the resignification of what is virility goes through sports. It takes into account the work of relevant authors, that created the basis for the comprehension that gender is a social construct, that also reflects the context in which an individual is inserted. With this reading of the past, searching for answers to the present, and to the future, this paper intends to find pathways to a new perspective about virility and the masculine in Brazil. This perspective goes through the media coverage and the way how the stories of Brazilian football are told and how the athletes and their performances are value in relation to masculinity. In this process, an articulation is made between the concepts of virility and Brazilian football, in order to pave the way for future readings on the intersection of these issues.*

**Keywords:** *virility. Communication. Modernity. sports sociology.*

\* Estudante de Doutorado em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGS/UFPel).

**E**ste artigo apresenta uma reflexão sobre a maneira como a virilidade é enxergada, construída e, principalmente, estudada pelas ciências sociais. Com os avanços das teorias feministas e a crítica pós-moderna das estruturas da sociedade e da forma como os gêneros são definidos e percebidos, abriram-se diversos caminhos para o estudo da virilidade sob a ótica feminista e desconstrutiva do gênero e de outros conceitos fundamentais para o reconhecimento do masculino e do feminino.

A virilidade é apresentada neste artigo como matéria-prima fundamental desta construção social do masculino, já que ela funciona como definidor do que é ser homem. Já na Grécia Antiga, o masculino passava pela confirmação da imagem masculina como viril e por diferentes representações desta lógica. Dentre essas representações, nenhuma teve mais destaque que o esporte, fundamental ensaio e reconstituição dos campos de batalha. As atividades corporais sempre foram fundamentais para o entendimento e a definição do masculino e essa concepção segue moderna e atual. Refletindo sobre essa tendência, torna-se possível realizar a mesma reflexão dentro do esporte brasileiro, especificamente no futebol, o mais bem sucedido e popular.

Considerando estes pontos, este artigo reflete sobre a sociologia esportiva e a evolução histórica da virilidade, sob uma ótica feminista, para considerar e propor a possibilidade de entender a masculinidade moderna e o papel masculino na sociedade brasileira a partir do esporte e do futebol nacional.

## **Teorias Feministas**

A entrada das mulheres na academia, e principalmente nas ciências sociais, cresceu de uma forma importante nos últimos 40 anos, com o desenvolvimento de teorias e espaços para a discussão de ideias, problemas e teorias trazidas por mulheres. Este espaço permitiu a colocação das relações entre homens e mulheres como uma pauta fundamental e importante para a exploração e o desenvolvimento de novas teorias. Mulheres como Butler

(2003), Chorodow (1978) e Gilligan (1982), que traçam, a partir de leituras da malha cultural, estudos sobre a sexualidade e o papel das construções sociais na vida dos indivíduos, provocaram uma revolução do tratamento das ciências sociais sobre questões envolvendo as identidades sexuais e as relações entre homens, mulheres e os papéis seguidos por ambos gêneros. Dentro das teorias feministas, destaca-se a noção de que o gênero é uma construção social, resultado, e formador, das expectativas sociais e da convenção sobre os papéis desenvolvidos pelos indivíduos dentro da sociedade e das diferentes relações. Essa perspectiva, adicionada à teoria Queer, proposta por Miskolci (2009), permitiu importantes reflexões sobre a forma como o masculino é enxergado como uma força dominante e as etapas construtivas desta visão. Além disso, essa perspectiva moderna sobre os gêneros permitiu que fosse realizado um estudo histórico e construtivo do papel masculino e de suas formas dominantes.

A distinção entre “gênero” e “sexo” é fundamental para as reflexões sobre os papéis e o agir masculino. Com essa separação, temos o gênero como o conceito fundamentalmente social e construído dentro das relações e dos processos de trocas e convivências sociais. Segundo Butler (2003), é a desconstrução destes conceitos e do processo histórico da noção de “feminino” e “masculino” que vai permitir a realização de uma crítica ao gênero que promova a fuga de regras normativas sobre os papéis.

E através das feministas anglo-saxãs que *gender* passa a ser usado como distinto de *sex*. Visando ‘rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual’, elas desejam acentuar, através da linguagem, o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. O conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política (Louro, 2003, p.21).

Segundo Louro (2003), é a fuga do determinismo biológico, na compreensão do conceito de gênero, que permite a realização de uma análise das regras do jogo social que define os papéis dos gêneros. A compreensão de que os limites dos gêneros são definidos socialmente foi fundamental para um grande vetor de questionamentos sobre a masculinidade nas ciências sociais:

as teorias Queer. Segundo Miskolci (2009), essas teorias foram um resultado natural da abertura do conceito de “masculinidade” e das interpretações que surgiram após a compreensão da variabilidade e do processo de construção social que define o gênero. Portanto, a ideia de desconstruir o masculino, suas regras, padrões e expectativas é um resultado natural das teorias feministas e da quebra das “normatizações” em torno dos gêneros e suas definições sociais.

## **Formação da Masculinidade**

A formação da masculinidade, entretanto, não acontece de uma maneira linear e única. Durante a história da humanidade, diferentes maneiras de entender e representar o masculino foram definidas em diferentes culturas. Segundo Kimmel (1998), a identidade masculina surge a partir de diversas produções culturais que somam-se e definem as expectativas quanto ao agir masculino. Dentre as diversas formas de construir a masculinidade, a produção midiática tem um papel de destaque.

Entendo que as masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc.). Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia (KIMMEL, 1998, p. 106).

Segundo Kimmel (1998) o masculino é definido socialmente a partir de uma relação de poder quanto ao feminino, que é dominado pela força e pela virilidade masculina. Desta forma, as características masculinas são associadas ao sucesso e ao poder, enquanto a imagem do homem é dissociada das fragilidades imputadas ao feminino. Esta leitura academicamente superada dos papéis dos gêneros é parte fundamental das normas que a crítica pós-estruturalista dos gêneros busca desconstruir e desmembrar para constituir novas leituras e permitir uma quebra da norma. Além disso, Kimmel (1998) aponta para as diferenças culturais, que vão além das bases

mais firmes da masculinidade, e constituem diferenças específicas entre culturas. A imagem dominante quanto ao masculino dos Estados Unidos, por exemplo, é definida por uma masculinidade altamente ligada à posse, ao poder econômico e sua relação com o capital moderno. Segundo Kimmel (1998), o homem deste país também é muito patriota e ligado à família, já que esses valores são fundamentais para a sociedade e a cultura em que estão inseridos.

O exemplo da masculinidade norte-americano é importante para refletir-se sobre como as diferenças culturais modificam a identificação do masculino. Além disso, pode-se considerar que os valores essenciais de uma cultura, no caso dos Estados Unidos, o patriotismo e o cuidado com o capital, são dados ao homem, por ele ser considerado a figura central e dominante da sociedade. Esta leitura vai de encontro à maneira como Sartre (2013) retrata processos estruturantes e definidores da virilidade na Grécia Antiga.

O conceito de virilidade é importante para o processo de compreensão e reflexão da masculinidade, já que ele pode ser identificado como a matéria-prima do masculino e o que define a maneira como o homem deve comportar-se em sociedade e dentro da cultura em que ele está inserido. Segundo Vigarello (2013), a virilidade pode ser definida como uma matriz do masculino e, assim como o gênero masculino, suas características dependem da cultura da qual o homem faz parte e de como ela enxerga o agir masculino. A Grécia Antiga é o primeiro exemplo de uma sociedade que buscou definir o masculino, e o termo *andreía* teve, em sua concepção, esse objetivo. Segundo Sartre (2013), o termo *andreía* aparece na literatura grega inicialmente no ano de 467 d.C. e significava a ideia de “ser homem.”

no coração da noção encontra-se a coragem física, primeiramente aquela demonstrada em campo de batalha, mas que não é mais exatamente a demonstração da bravura e da força bruta do herói homérico, já que o combate hoplita impõe ordem e disciplina. Entretanto, a força muscular continua presente, e não é por acaso que Aristófanes fez de Heráclito o próprio emblema da *andreía*..., mas essa *andreía* também se fez acompanhar de audácia na adversidade, de obstinação no infortúnio. Não é sem razão, portanto, que as mulheres também possam manifestar sua *andreía*... o gênero não é mais

questão de sexo, mas de comportamento e virtudes, no topo das quais figura a coragem. (SARTRE, 2013, p.20-21)

A virilidade associada aos homens desta sociedade está muito atrelada a uma série de virtudes associadas ao homem da Grécia Antiga. A *andreia*, como conceito, sugere exatamente que o masculino foi definido a partir da seleção e da manifestação física de ideais sociais e comportamentais. Uma das formas mais comuns para os homens gregos manifestarem sua virilidade era por meio de competições esportivas que, em sua grande maioria, recriavam momentos comuns em campos de batalha. Segundo Sartre (2013), a conquista esportiva era uma maneira dos homens gregos manifestarem e reforçarem sua posição como dominante sobre outros homens e membros da sociedade. A derrota era, de uma maneira clara, considerada uma “morte simbólica” da masculinidade. A morte simbólica na derrota acompanhou a evolução histórica e técnica dos esportes e o processo de racionalização da atividade performática masculina

## **A racionalização do esporte e do viril**

Para este artigo, é de fundamental importância o entendimento sobre como o esporte e a virilidade passaram pelo processo de racionalização de formas muito similares e, em alguns pontos, pode considerar-se que elas aconteceram juntas. Enquanto o esporte organizado, com regras e associações esportivas, surgia na Inglaterra e em outros países da Europa, a masculinidade também era racionalizada e entendida sob uma nova ótica. Em Rauch (2013), considera-se a maneira como, na sociedade racionalizada do século XIX, não fazia mais sentido avaliar a masculinidade a partir de disputas esportivas que iam até a morte. Homens importantes para a sociedade, responsáveis por indústrias e pelo movimento da econômico da cidade, poderiam colocar suas vidas em risco pelo esporte. Dessa forma, o masculino começou a ser avaliado, por meio do esporte, a partir da derrota e

da morte simbólica do derrotado, como uma forma de troca e perda de valor cultural do derrotado.

Segundo Elias (1992), é a partir da noção inglesa de *sport* que a atividade deixa de ser um lazer e torna-se uma atividade racional e parte da máquina econômica e cultural de sociedades modernas. Esse esporte inglês era racional porque contava com regras claras, tinha árbitros e seguia as normas de uma “associação.” As associações eram grupos formados por atletas e interessados nos esportes que tinham como objetivo definir o esporte e torná-lo racional. Foi assim, também, que a virilidade passou a ser equiparada à morte simbólica em competições que não envolviam a morte e lesões físicas graves.

Neste processo de racionalização do esporte, a imprensa e os meios de comunicação tiveram papel fundamental. Segundo Baecque (2013), os contadores das primeiras histórias esportivas foram responsáveis por dar o tom da cobertura esportiva e por registrar para toda a sociedade a morte simbólica do derrotado e a consagração do vencedor. Desta maneira, as narrativas em torno do esporte são parte fundamental do processo de racionalização do esporte e da virilidade como representação do corpo masculino e da virilidade que depende, em menor medida, da violência pura e simples. Neste cenário, a masculinidade é reafirmada pela conquista no campo esportivo, mesmo que o adversário saia de campo inteiro fisicamente: esta é a noção de morte simbólica, muito importante para a compreensão do papel do esporte na construção da masculinidade moderna.

Segundo Baecque (2013), a capacidade de contar histórias sobre o corpo é fundamental para a noção moderna de virilidade. O cinema funciona de uma maneira muito similar e o masculino também é representado neste meio como uma performance da virilidade e das expectativas quanto ao comportamento masculino. A virilidade ainda funciona como um tipo de “matéria-prima” da masculinidade e, assim como o conceito de gênero, suas características dependem da cultura em que o homem analisado está inserido.

Desta forma, a segunda metade do século XX deu grande espaço para questionamentos e novas perspectivas quanto à masculinidade clássica, que marcou a história do homem moderno. As teorias feministas e a crítica ao gênero analisaram minuciosamente os valores atrelados a esse masculino e, por consequência, colocaram em dúvida algumas estruturas associadas a esta virilidade. Segundo Courtine (2013) a “crise da virilidade” é um processo em que os conceitos atrelados à virilidade se alteram constantemente, sob o mesmo conceito de viril. A violência física direta dos esportes da Grécia Antiga é a mesma do que a postura apresentada nos filmes de faroeste, em que homens dominam seus rivais a partir da arma, ou da morte simbólica de um derrotado em uma partida de futebol.

Mas a história da virilidade não se confunde, no entanto, com a história da masculinidade: ‘masculino’ durante muito tempo foi somente um termo gramatical... que o ‘masculino’ tenha vindo a suplantar o ‘viril’ é bem sinal de que, decididamente, há algo que mudou no império do macho. A virilidade está, por causa disso, em crise? O século que acaba de terminar e aquele que está começando parecem antes ser o teatro de uma crise endêmica, de recaídas tão frequentes, que ela acaba por ser ininterrupta, e penetrar o prado cercado da dominação masculina, ou seja, a guerra, a relação com o outro sexo, a potência sexual (Courtine, 2013, p.9)

A mudança de poder entre os gêneros e a associação de novos papéis para o masculino é apenas uma mutação e associação de novas perspectivas para o masculino é apenas uma mutação e associação de novas perspectivas na leitura e no entendimento, tanto acadêmico como social, da masculinidade e da virilidade. A racionalização da virilidade e do esporte é o primeiro passo para a compreensão que este artigo busca realizar sobre a maneira como o esporte brasileiro, principalmente o futebol, pode ser usado academicamente para encontrar, refletir e propor novas perspectivas para os valores atrelados à virilidade no País.

## **O futebol como marca do homem brasileiro**

O futebol chegou ao Brasil como exportação inglesa, vindo já racionalizado e modernizado. A associação esportiva já fazia parte do cerne do esporte e, portanto, refletia os padrões sociais e regulatórios que o esporte tinha no país europeu. Segundo Guterman (2009), a existência de uma proibição para jogadores de cor ou de origens pobres é a primeira marca do esporte no Brasil. O futebol, no começo do século XX, era elitista e cobrava de seus atletas uma postura altamente conectada a uma virilidade racional, em que o homem não é claramente agressivo e busca derrotar seu adversário dentro das regras do jogo.

O futebol começa a tornar-se o esporte mais popular e importante da cultura brasileira após a conquista da seleção no Sul-Americano de 1919, em uma seleção que tinha jogadores pardos e que traziam ao jogo o improviso, o drible e a arte que acabou sendo constantemente ligada ao atleta brasileiro. Neste período, o dinheiro entrou em pauta no esporte e na tônica das coberturas midiáticas, já que o jogo começava a tornar-se profissionalizado e os atletas, trabalhadores de seus respectivos clubes. Isso mudou muito a maneira como o homem do jogo tinha de se comportar. O processo de profissionalização do esporte foi longo no Brasil, e a imagem do atleta como um homem de alta classe serviu como oposição ao atleta popular e habilidoso que surgia nos campos que permitiam atletas de todas cores e origens. Foi a década de 1950, com a profissionalização concluída e gerando grandes valores financeiros na Europa, que viu o Brasil caminhar nesta mesma direção. Isso porque, com o crescimento dos valores em outros países, tornou-se impossível manter os melhores atletas brasileiros em nosso território. Nesta mesma década, a imprensa cresceu sua cobertura ao esporte, que já era o mais popular do País e agora aceitava atletas de todo o tipo dentro do campo.

O papel da mídia na criação de narrativas sobre os atletas de futebol tornou-se muito relevante após a profissionalização, e um grande exemplo disso foi a cobertura feita à Copa do Mundo de 1950, disputada no Brasil.

Segundo Pacheco (2010), muito dessa cobertura foi baseada na forma como os brasileiros atuaram na partida final da competição, em que o título foi perdido para o selecionado do Uruguai. Esta perda foi muito dura na relação do brasileiro com a derrota, e significou uma grande morte simbólica ao homem brasileiro. Isso pode ser percebido em trechos da cobertura que afirmam que os jogadores brasileiros “não foram homens como o capitão uruguaio” (PACHECO, 2010). Esta crítica não é puramente futebolística, mas trata exatamente da virilidade do atleta brasileiro e de como esta derrota foi um golpe para o homem do País.

Os últimos 50 anos do futebol no Brasil foram de constante crescimento do interesse midiático e dos valores envolvidos em transações e salários. O atleta tornou-se uma espécie de “herói” que defende com honra e garra a camiseta de seu clube, com muito empenho na busca pela vitória. Segundo Damo (2008), o atleta de futebol é dotado de um “dom (DAMO, 2008, p.139)” que vai além de seu talento para o esporte. O atleta também precisa ser dotado de uma espécie de carisma e representar as expectativas de torcedores e dirigentes dos clubes. A aura de “herói” que o atleta de futebol deve carregar vai além da atuação em campo. Ele deve apresentar, portanto, as características associadas à virilidade da cultura em que está inserido.

A virilidade, como visto anteriormente, varia dependendo da cultura, da leitura e da forma como os homens realizam suas performances corporais. Dentro do futebol brasileiro existem muitas diferenças culturais entre as regiões e isso manifesta-se no futebol. Um exemplo disso é o estado do Rio Grande do Sul, em que a performance do atleta cobra, além das características esportivas, o uso de garra e força, como predicados fundamentais de um bom atleta. Isso acontece por uma série de questões culturais da região, mas seu cerne está na rivalidade que o estado sempre teve com o Sudeste do País.

Herdar a pertença significa habituar-se aos altos e baixos do desempenho dos times – à alegria pela vitória no jogo do domingo segue a tristeza pela derrota do time na quarta-feira, ano após ano, indefinidamente. O que chama a atenção no clubismo é que, tal qual no totemismo, as identidades são diacríticas e os sentimentos antitéticos. A desolação dos torcedores de um clube é o combustível

para a euforia da torcida adversária. Aprender a amar o Inter, o Corinthians e o Cruzeiro, por exemplo, é tão importante quanto detestar, respectivamente, o Grêmio, o Palmeiras e o Atlético (DAMO, 2008, p.144).

A rivalidade é o combustível para essas diferenças em um País grande como o Brasil. Cada estado tem suas características e suas relações com a virilidade e com a atuação esperada de atletas e membros ligados ao futebol. Por isso, este artigo aponta que o futebol pode ser o caminho para novas perspectivas para a análise e o entendimento das características marcantes da virilidade brasileira.

## **Considerações finais**

As teorias feministas criaram o caminho, e a necessidade, da criação de novas perspectivas para o entendimento e o questionamento das estruturas, antes sólidas, da masculinidade e da virilidade. O gênero masculino sempre foi considerado dominante à mulher, e é fundamental para a desconstrução dessa noção que se estude o masculino sob novas perspectivas críticas. Este artigo defende que, a partir da história da masculinidade e da crença de que a virilidade funciona como uma matéria-prima para o masculino, está no entendimento da virilidade e de suas relações históricas um caminho para essa desconstrução.

A virilidade sempre pautou as expectativas para a performance masculina e, portanto, definiu também as bases do masculino. Suas variações durante o tempo são fundamentais para que se entenda, da mesma forma, como a visão sobre o papel do homem foi mudando com o tempo. Desde a Grécia antiga o esporte está ligado ao viril de uma maneira inseparável. O homem sempre teve no esporte uma maneira de reafirmar sua dominação sobre outros homens e sobre as mulheres, portanto o viril depende do esporte. Por isso, este artigo acredita que mora no esporte um rumo para entender mais sobre o viril, desconstruir as bases da masculinidade moderna e

encontrar uma nova perspectiva para a virilidade que entenda as necessidades culturais deste homem.

A evolução do esporte e da virilidade é muito próxima, de uma maneira que reforça o papel desta atividade na construção dos limites e das expectativas quanto à virilidade. A racionalização de ambas ocorreu de uma maneira muito similar e fundamentalmente conectadas. O esporte moderno e racionalizado deu o espaço para que a virilidade fosse racionalizada e deu a base para o conceito de morte simbólica.

Conclui-se que, analisando a trajetória do futebol no Brasil e a história próxima entre a virilidade e o esporte, que existe, dentro do jogo brasileiro, um caminho para analisar e encontrar uma nova perspectiva para a virilidade do homem brasileiro e buscar a desconstrução do masculino.

**Gabriel Alves Bresque** é Estudante de Doutorado em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGS/UFPel).

Contato: [gabriel\\_bresque@hotmail.com](mailto:gabriel_bresque@hotmail.com)

Artigo recebido em: 20-08-2021

Aprovado em: 20-10-2021

Como citar este texto: BRESQUE, Gabriel Alves. Uma nova perspectiva da virilidade a partir do esporte brasileiro. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 07, nº 01, p. 49-61, 2021.

## Referências

- BAECQUE, Antoine de. Projeções: a virilidade na tela. **CORBAIN, A.[et al]. História da Virilidade–3. A Virilidade em crise.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** São Paulo, Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CHORODOW, Nancy. **The Reproduction of Mothering: psychoanalysis and sociology of gender.** London, University of California Press, 1978.
- COURTINE, Jean-Jacques. Impossível Virilidade. **CORBAIN, A.[et al]. História da Virilidade–3. A Virilidade em crise.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- DAMO, Arlei Sander. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 66, p. 139-150, 2008.
- ELIAS, Norbert. **A Busca da Excitação.** Lisboa, Editora Difel, 1992.
- GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente.** Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos, 1982.
- GUTERMAN, Marcos. **O Futebol Explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do País.** Editora Contexto, São Paulo, 2009.
- PACHECO, Leonardo Turchi. Memórias da tragédia: masculinidade e envelhecimento na Copa do Mundo de 1950. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte** (Impr.), Porto Alegre, v.32, n. 1, p. 25-40, Sept. 2010.
- RAUCH, André. O desafio esportivo e a experiência da virilidade. **CORBAIN, A.[et al]. História da Virilidade–2. O triunfo da virilidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- SARTRE, Maurice. Virilidades Gregas. **CORBAIN, A.[et al]. História da Virilidade–1. A invenção da virilidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade. vol. 20 (2), jul/dez. 1995.